



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### TEMPOS DE DILÚVIO

**Marcos Roberto Inhauser**

Houve tempos em que eu brigava pela historicidade do relato bíblico do dilúvio. Hoje, para mim, isto não é o mais importante, mesmo porque, com o tempo mudei minha visão sobre certos trechos bíblicos. Não sei se foi por divina inspiração, humana transpiração, por ousadia ou covardia, por sabedoria ou teimosia. A verdade é que, para mim, certos trechos até então históricos, passaram a ser visto como paradigmáticos.

Nesta linha de raciocínio, não nego e não discuto a historicidade deles, mas os vejo como lições para nossos dias.

No caso específico do dilúvio, havia uma situação social de extrema lassidão moral, ao ponto de o texto dizer que Deus se arrependeu de haver feito o ser humano. Os filhos dos deuses (talvez uma forma eufemística de se referir aos filhinhos de papai da antiguidade), viram que as filhas dos homens (talvez uma referência às filhas dos não pertencentes à elite) eram formosas e com elas se casaram, gerando aberrações, citados como gigantes que foram valentes guerreiros da antiguidade. Há nisto uma relação de desigualdade, onde uns poucos se aproveitaram, dada sua natureza e poder, da formosura de outros.

Nos dias atuais, com escândalos pipocando por todos os lados, tenho lembrado destes textos. Os Renans, Jucás, Delúbios, Valérios, Azeredos, Mares Guias e tantos outros “filhos dos deuses” do Olimpo partidário brasileiro, vendo a formosura dos cofres públicos e, seduzidos pelas facilidades em tirar proveito destas formosuras, se lambuzaram no dinheiro das “filhas dos homens”. A volúpia foi tanta que outros deuses de menor expressão do panteão mineiro (mais de cento e cinquenta ao que tudo indica), teriam se locupletado e tiveram suas orgias eleitorais e seus mandatos promíscuos patrocinados pelos cofres públicos.

Abriram assim a avenida da tentação para que outros deuses, agora do panteão sagrado do lulopetismo e outras agremiações, se vissem tentados e também se casassem com a promiscuidade. Mais vorazes e menos ecléticos, foram quarenta os deuses envolvidos. Veio a voz do panteão da justiça e condenou os quarenta a uma chuva incessante de investigações, oitivas, provas documentais e testemunhais. O dilúvio caiu na cabeça deles. Certamente, e assim espero e desejo, é que sucumbam nas águas do juízo.

O que me chama a atenção nesta visão, é que ainda não encontrei o Noé, pregoeiro da justiça, com sua arca e seus animais, no gesto simbólico de anúncio de que, mesmo em meio a tanta corrupção e imoralidade, há quem se salve. Foram só oito. Devo estar meio cego, mas ainda não vi estes oito nos mares Brasília.